



NA
ESCURIDÃO



SÉRIE INTO DARKNESS

NA
ESCURIDÃO

NAVESSA ALLEN



Tradução
Beatriz Guterman



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Na Escuridão

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

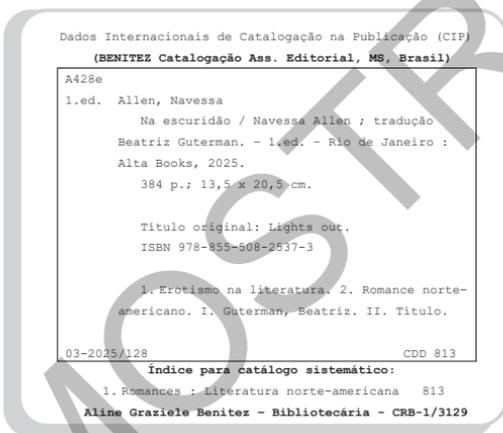
Copyright © 2024 NAVESSA ALLEN

ISBN: 978-85-508-2537-3

Translated from original Lights Out. Copyright © 2024 by Navessa Allen. ISBN 9781638932239. First Published in the United States by Zando. This translation is published and sold by arrangement with Sandra Dijkstra Literary Agency and Sandra Bruna Agencia Literaria, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

**ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis.
Para mais detalhes, verifique a página 05.**



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Beatriz Guterman

Copidesque: Nathalia Marques

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Natalia Curupana


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



albr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORIAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

ASSOCIADO



Editora
afiliada à:



ALERTA DE CONTEÚDO

Na Escuridão é uma comédia romântica dark sobre perseguição e possui temáticas sensíveis. Aconselha-se cautela, já que esse livro contém:

<i>Comidas e descrições de sexo explícito (incluindo sexo anal)</i>	<i>Hacking cibernético</i>
<i>Consumo de álcool</i>	<i>Roubo</i>
<i>Menção a estupro</i>	<i>Canibalismo Acidental (lembração)</i>
<i>Abuso infantil (lembração)</i>	<i>Morte</i>
<i>Conteúdo médico</i>	<i>Acidente de carro (lembração)</i>
<i>Sangue e vísceras (dentro de ambiente hospitalar)</i>	<i>Morte de pai/mãe</i>
<i>Menção a assassinos em série e seus crimes</i>	<i>Práticas sexuais contendo:</i>
<i>Pequena descrição de tiroteio em massa</i>	<i>Asfixia</i>
<i>Perseguição</i>	<i>Uso de facas</i>
<i>Invasão de privacidade</i>	<i>Uso de armas</i>
<i>Invasão de propriedade</i>	<i>Sentimento de medo</i>
<i>Câmeras escondidas</i>	<i>Jogo de caça/caçador</i>
	<i>Uso de máscaras</i>
	<i>Consentimento dúbio</i>





*Para todos aqueles que
têm coragem de
tomar o controle*

AMOSTRA



ALY

A GAROTA NOVA NÃO ESTAVA SE SAINDO MUITO BEM. Quando entrei na sala de descanso, encontrei-a encolhida em uma das cadeiras baratas de plástico, encarando o nada. Seu uniforme hospitalar estava todo amassado, o coque frouxo se desfazia em direção a um dos lados de sua cabeça, os fios loiros se soltando como se ela estivesse puxando os cabelos. Sob as luzes fluorescentes, sua pele parecia sem vida e pálida.

As outras duas enfermeiras estavam lhe dando amplo espaço, dirigindo-lhe olhares nervosos como se estivessem com medo de que ela vomitasse ou desmaiasse. Ou, pior ainda, se demitisse como muitos outros fizeram.

Só por cima do meu cadáver.

Precisávamos dela. Eu não tinha mais como pegar plantões consecutivos de 15 horas ou acabaria tendo um burnout.

Respirei fundo e fui até ela, abaixando-me ao seu lado para que eu pudesse fugir da zona de respingos caso ela vomitasse. Ela nem pareceu me notar. Era um mau sinal.

— Oi, você é a Brinley, né? — falei, mantendo a voz baixa e calma. Era o mesmo tom de voz que eu usava para falar com crianças doentes.

Ela pestanejou e virou-se para mim, seus olhos estavam vidrados, como se não estivesse realmente me vendo. Estava prestes a entrar em estado de choque. Tenho experiência; via isso em pelo menos um paciente em quase todos os meus plantões.

Merda, ela ia mesmo se demitir.

Dei uma viradinha para o lado, mas mantive o olhar fixo em Brinley.

— Cobertor?

O som de passos indicou que alguém estava atendendo ao meu pedido, então me volvei para frente novamente e depusitei toda a minha atenção na nova enfermeira. Um de meus colegas me contou as fofocas sobre ela. De acordo com ele, Brinley era enfermeira há três anos e recentemente fora transferida de um pronto-socorro de cidade pequena. Era sua primeira vez trabalhando em um centro de trauma.

Algumas pessoas se saíam bem em um pronto-socorro normal, mas não aguentavam quando vinham para cá. Nosso hospital ficava no centro da cidade, em uma metrópole conhecida por suas altas taxas de criminalidade. Não passávamos um plantão sequer sem testemunhar as piores situações possíveis: esfaqueamentos, estupros, ferimentos por arma de fogo, vítimas de abuso, sobreviventes de acidentes de trânsito horríveis, e o que mais puder imaginar.

Esta noite havia sido especialmente difícil, até mesmo para mim, e eu já vira tanta merda que era raro algo me impressionar. Poderia ser traumático para alguém novo no centro como Brinley, era um azar este ter sido seu primeiro plantão sem supervisão.

Vi um cobertor pelo canto do olho. Peguei-o sem me virar e o coloquei sobre os ombros de Brinley. Ela se mexia feito uma marionete, os braços trêmulos unindo as pontas e puxando com mais força.

— O peito dele... — disse ela, tão baixo que quase não consegui discernir as palavras — o centro inteiro simplesmente... não estava lá.

Ah, então ela havia lidado com o ferimento de tiro à queima-roupa. Era surpreendente o homem sequer ainda estar vivo quando chegou aqui, e terrivelmente triste porque não havia quase nada a ser feito em casos como esses. Uma parcela muito grande do coração, pulmões e outros órgãos vitais estavam dilacerados para que houvesse alguma chance de sobrevivência. Fiquei sabendo que ele faleceu pouco depois de dar entrada. Se Brinley o atendeu, deve ter ficado encharcada com o sangue. Fazia sentido estar usando um uniforme diferente do de mais cedo, e seu cabelo ainda parecer úmido pelo banho que teve que tomar.

— Nada que você fizesse teria ajudado — falei.

Ela fungou, e seus olhos finalmente pareceram olhar para mim.

— Eu sei, mas... *caramba*. Acho que nunca vou conseguir esquecer aquela cena.

Não se preocupe, amanhã você vai ver algo igualmente traumático, e isso vai substituir essa lembrança, pensou uma parte sombria de mim, mas eu jamais diria algo do tipo em voz alta.

— Alguém já te falou que temos terapeutas? — perguntei.

Ela assentiu.

— No terceiro andar, certo?

— E se estiver em um plantão noturno e precisar conversar com alguém, temos uma central de atendimento 24 horas.

Nosso hospital poderia até nos sobrecarregar, mas fazia um ótimo trabalho ao colocar a saúde mental dos funcionários em primeiro lugar. Tínhamos contato com a mesma quantidade de trauma que soldados enfrentam na linha de frente, e as taxas de transtorno pós-traumático e burnout eram altíssimas por causa disso.

Eu conversava com um dos terapeutas de plantão regularmente. Era uma das poucas coisas que me mantinha relativamente sã enquanto o sistema de saúde ruía a minha volta e tantas pessoas se demitiam que corríamos o risco de enfrentar uma falta de pessoal.

— Não tenho o número da central — disse Brinley, uma lágrima solitária escorrendo por sua bochecha.

Essa era uma coisa boa. Com lágrimas eu sabia lidar. Lágrimas significavam que ela já estava processando a situação e o risco de entrar em estado de choque estava passando.

— Em qual armário colocou suas coisas? — perguntei. — Vou pegar seu celular e anotar o número.

Vinte minutos depois, ela estava de pé com uma xícara quentinha de chá de camomila. Adicionei a central de atendimento nos contatos do celular dela, que parara de tremer e suas bochechas tinham um pouco mais de cor. Só havia mais uma enfermeira conosco na sala, substituindo as duas outras que não ajudaram em nada. A enfermeira chamava-se Tanya, uma mulher negra elegante na faixa dos 40 e poucos anos que trabalhava em centros de trauma praticamente desde que Brinley nascesse. Tanya era minha colega favorita. Agia bem sob pressão, tinha uma excelente postura ao lidar com os pacientes e sabia mais sobre como tratar pessoas em situações de emergência do que grande parte dos médicos com quem trabalhávamos.

Ela estava perto da janela ao lado de Brinley, conversando baixinho, uma de suas mãos no ombro da mulher mais nova. Comecei a ouvir, mas desviei a atenção enquanto juntava minhas coisas e as de Brinley, tendo certeza de que Tanya sabia as palavras certas a usar para tirá-la de uma crise.

— Você foi muito bem — ouvi-a dizendo. — E eu não estou puxando o saco para que se sinta melhor. Já vi enfermeiras com mais experiência

paralisarem em noites assim, mas você se manteve firme e fez o que tinha de ser feito. — Ela se virou para mim. — Me ajuda aqui, Aly.

Pendurei a bolsa de Brinley no ombro e me juntei a elas.

— Ela tá falando sério — falei. — Pelo que vi, você arrasou. E é completamente normal surtar um pouco depois. A adrenalina sobe muito e seus níveis de cortisol provavelmente enlouqueceram. Não tem problema entrar em um pequeno surto de estresse. Acontece comigo também quando temos uma noite muito ruim.

Brinley empalideceu.

— Achei que essa noite tinha sido muito ruim.

Oh-oh. Melhor recuar um pouco.

— E foi — falei. — O que quis dizer é que não presenciei a pior parte desta vez. Acho que foi você e o Mallory.

Ela soltou uma respiração trêmula.

— Ah. Entendi.

Tanya voltou-se para ela.

— Agora a Aly vai te dar uma carona para casa. O expediente dela também acabou.

Brinley olhou para nós.

— Mas meu carro está aqui.

Tanya assentiu.

— Aham, mas não achamos que você deve dirigir agora.

Ela pareceu ver o sentido naquilo.

— É, acho que tem razão.

— Não se preocupe, dei uma olhada na sua agenda. Vamos cumprir a mesma escala amanhã, então te trago de volta. Você estacionou na vaga de funcionários?

Ela assentiu.

— Seu carro deve ficar seguro lá. Precisa pegar alguma coisa nele?

— Acho que não? — respondeu depois de franzir a testa.

Tanya tirou o chá de suas mãos.

— Então, é melhor vocês irem embora enquanto conseguem.

— Valeu — murmurei para ela, que assentiu.

Não era raro ficar preso em horas extras de trabalho se ficasse tempo demais no hospital após o fim do turno, já que sempre havia alguém procurando um par a mais de mãos ou mais pessoas eram necessárias para ajudar a estabilizar um paciente. Brinley não estava em condições de fazer nada disso, e eu já havia cumprido quatro horas extras. Era hora de dar o fora.

Conduzi Brinley até a saída, e fomos pelos fundos para evitar esbar-
rar com mais alguém. Ela caminhou em silêncio, mas sua aparência
estava bem melhor do que quando a encontrei, o que era um bom sinal.

— Você mora com alguém? — perguntei.

— Com meu namorado.

— Ele está em casa? — Eu não queria deixá-la sozinha caso não
estivesse.

— Aham. Mandei mensagem para ele quando meu plantão terminou
e me sentei e, bem. Você viu.

— Conversar a respeito ajuda. Não sei se é um tópico sensível para
seu namorado, mas contar a ele sobre o que passou essa noite pode ali-
viar sua mente.

— Não sei, não — disse ela, com a voz cheia de incerteza.

— Não precisa entrar em detalhes. Fala só o básico. E eu também
adicionei o meu contato no seu celular, além da central de atendimento
terapêutico, então pode me ligar quando quiser.

Ela me lançou um olhar de alívio.

— Valeu. Eu não acho que ele entenderia, sabe?

Concordei. Eu sabia, sim. Ao contrário de Brinley, eu era solteira...
ou quase, mas mesmo quando tive parceiros mais sérios, não falava a
respeito com eles. Nunca namorei sério — estava muito focada na mi-
nha carreira para fazer isso agora — e falar sobre um dia ruim ou como
foi triste perder um paciente parecia o tipo de coisa a ser dita para um
companheiro. Na maior parte das vezes, eu desabafava com terapeutas
ou outras enfermeiras, e pela expressão de Brinley, estava claro que ela
seria igual. Os civis, como chamávamos aqueles que não trabalhavam
na área de saúde ou emergencial, quase nunca entendiam.

A caminho de casa, conversamos sobre assuntos mais amenos, como
a nova série que todos estavam assistindo, para nos distrair da noite que
enfrentamos. Quando deixei Brinley em sua casa geminada, o sol já co-
meçava a surgir sobre a cidade, refletindo nos arranha-céus à distância e
pintando as nuvens em um gradiente macabro que ia do roxo escuro de
hematomas recentes ao vermelho de sangue recém-derramado.

Caramba, como eu estou mórbida hoje, pensei, desviando os olhos do céu.

Passi tanto tempo tentando ajudar e distrair Brinley que nem havia
conseguido processar a merda que foi a minha noite. Atendi um cara
que levava três facadas, uma mulher com o pulso quebrado, nariz ensan-
guentado e um marido com cara de culpa que não a deixava responder às

nossas perguntas, e um bebê de 2 anos com um caso tão grave de VSR que precisou ser levada para o hospital infantil de helicóptero.

O pior caso foi o do sem-teto com queimaduras de frio. Não por ser algo sério — eram queimaduras relativamente amenas e ele não perdeu nenhum dedo —, mas porque ninguém na minha escala queria entrar em seu quarto por causa do cheiro e reclamavam tão alto no corredor que ele provavelmente escutou. Isso quebrou meu coração e me deixou puta, então mandei todos darem o fora e cuidei dele eu mesma.

Era esse tipo de caso que me atormentava agora, não os extremamente sangrentos, mas os tristes. Eu me obcecava por eles. Onde estava a família daquele homem? Estavam procurando por ele? E a mulher que estava sendo violentada pelo marido? Conseguiria escapar antes que ele a ferisse mais uma vez?

O caminho até em casa passou como um borrão conforme esses pensamentos ocupavam minha mente, e sem nem perceber, já havia chegado na garagem. A rua estava tão escura que minha casa estava iluminada apenas pelos pisca-pisca. Já estávamos na segunda semana de janeiro, mas alguns vizinhos ainda tinham as decorações natalinas penduradas, então eu não estava preocupada em retirar as minhas. Ver aquelas luzinhas piscando alegremente na escuridão que precedia o amanhecer era exatamente o reforço que eu precisava — qualquer coisa para manter a escuridão afastada.

Desliguei o motor e desci do carro. Minha casa não era grande coisa, era uma casinha estilo *craftsman* de dois quartos em um bairro relativamente seguro, mas era minha e eu tinha muito orgulho do trabalho que fiz reformando-a e dando um toque pessoal ao espaço. A fachada era de um azul-turquesa antigo e claro, o acabamento era em um branco quente, e a pequena varanda da frente parecia festiva e convidativa graças à placa de boas-vindas natalina e à árvore de Natal que brilhava com festões e outras decorações.

Do lado de dentro estava igualmente decorado. Eu já não tinha mais nenhuma família próxima, e encher minha casa inteira de decorações temáticas era a forma que encontrava para me distrair do fato de que passava os feriados sozinha ou trabalhando todos os anos.

Um miado alto cortou o ar quando fechei a porta e tirei os sapatos.

Bem, eu não estava totalmente sozinha. Eu tinha o Fred para me fazer companhia. Ele devia estar em um sono profundo quando cheguei, porque seu miado começou distante e foi aumentando de volume e tom

conforme ele corria na minha direção, como uma ambulância acelerando na rodovia.

Cara, ele reclama alto quando está bravo, pensei. Se continuasse assim, meus vizinhos começariam a pensar que eu o machucava.

— Caramba, Fred — falei quando meu gato frajola de pelos compridos apareceu no corredor. — Tá tudo bem. Só cheguei algumas horas atrasada dessa vez.

Peguei-o no colo quando ele chegou até mim, virando-o de costas para poder enfiar o rosto na sua barriga fofinha. Quando eu era criança, minha mãe chamava isso de “terapia de pelos”. Ao chegar de um longo dia de trabalho, antes de falar comigo ou com meu pai, ia direto até um gato e o agarrava até ele começar a reclamar. Isso sempre fazia com que se sentisse melhor, então passei a fazer o mesmo desde que Fred apareceu no meu quintal, um filhotinho encharcado e choramingando, procurando abrigo de uma tempestade. Não sei se foi porque ainda era bem novinho quando comecei a fazer isso com ele, mas Fred aguentava bem a terapia de pelos, ronronando e amassando pãozinho no meu cabelo.

Eu provavelmente parecia uma maluca para quem não é fã de gatos, mas não estava nem aí. Por princípio, eu não confiava em ninguém que não gostasse de gatos, então esse tipo de gente nunca estaria por perto para me julgar de qualquer forma.

Coloquei Fred no chão quando fiquei satisfeita e ele me seguiu conforme eu ia para o quarto me trocar. Era de se esperar que estivesse cansada depois de um plantão longo, mas estava bem desperta. Provavelmente porque eu aprendera a cair no sono instantaneamente e sempre que as coisas ficavam calmas eu encontrava um lugar para tirar um cochilinho renovador de cinco minutos. O hospital ficou estranhamente calmo da meia-noite à 1h e dormi por todo esse período. Tanya depois me contou que uma das enfermeiras do setor — alguém que trabalhava em um setor especializado nos andares de cima — havia comentado que as coisas estavam tranquilas quando foi buscar os resultados de um exame, e isso nos deu azar. As enfermeiras de pronto-socorro sabiam bem que não deveriam dizer essas coisas.

Tomei um banho, vesti o pijama mais confortável que tinha, me servi de uma taça grande de vinho e me aconcheguei com Fred no sofá. Pensei em ligar a TV e me distrair um pouco, mas eu não havia conferido o celular nenhuma vez durante o expediente e as notificações das redes sociais me chamavam.